

Pós-modernidade e comunicação: dos meios de massa aos meios digitais

POSTMODERNITY AND COMMUNICATION: FROM MASS MEDIA TO DIGITAL MEDIA

Patricio Dugnani¹

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-7877-4514>

(Universidade Presbiteriana Mackenzie, Centro de Comunicação e Letras. São Paulo – SP, Brasil)

Recebido em 06/08/2019. Aprovado em 15/10/2019.

Resumo

Neste artigo pretende-se analisar a influência do uso dos meios de comunicação na transformação da sociedade pós-moderna. Tomando-se como foco a passagem da hegemonia do uso dos meios de comunicação de massa, para o aumento do uso dos meios de comunicação digitais, pretende-se entender, a partir das ideias de Marshall McLuhan, a relação da formação do sujeito pós-moderno e a alteração que o uso desses meios promovem na sociedade. Acredita-se que o sujeito pós-moderno tem apresentado determinadas mudanças em suas características, pois se alterou a relação entre emissão e recepção com o desenvolvimento dos meios digitais, e esse fator pode revelar o quanto o uso dos meios interfere com o desenvolvimento de uma sociedade. Trata-se de uma pesquisa exploratória e bibliográfica, que busca relacionar Pós-modernidade e a transformação dos meios de comunicação.

Palavras-chave: Meios de Comunicação de Massa. Meios de Comunicação digitais. Pós-modernidade.

Abstract

In this article we intend to analyze the influence of the use of the means of communication in the transformation of postmodern society. Focusing on the hegemony of the use of the mass media to increase the use of digital media, we intend to understand, from the ideas of Marshall McLuhan, the relation of the formation of the post- and the change that the use of these means promote in society. It is believed that the postmodern subject has presented certain changes in its characteristics, since the relation between emission and reception has changed with the development of the digital means, and this factor can reveal how much the use of means interferes with the development of a society. It is an exploratory and bibliographical research that seeks to relate Postmodernity and the transformation of the media.

Keywords: Mass Media. Digital Media. Postmodernity.

Introdução

Michel Foucault (2014), desde a década de setenta, antes mesmo do lançamento do livro *Vigiar e Punir*, em 1975, já observava uma questão que seria central em seus estudos: no funcionamento da sociedade, a presença das relações de poder, como um fenômeno social. Foucault (2014), alertava para a constituição de uma sociedade disciplinar, em que o corpo, o discurso, o pensamento são disciplinados por microfísicas do poder. Essas microfísicas do poder se expressavam através de mecanismos que se baseavam na vigilância e na punição.

No entanto, chegando aos primeiros vinte anos do século XXI, percebe-se que essa sociedade disciplinar tem sofrido alterações, podendo-se pensar, ao invés de uma sociedade disciplinar, em uma sociedade performática, ou mesmo uma sociedade do desempenho, como descreve Byung Chul-Han, em seu livro *Sociedade do Cansaço* (2015). Para Han (2015) a “sociedade disciplinar é uma sociedade da negatividade. É determinada pela negatividade da proibição” (2015, p. 24). Esse processo ocorre, pois sendo a sociedade do desempenho, uma sociedade das positivities, essas positivities produzem seus efeitos. Pois as positivities abdicam das proibições, e fazem o indivíduo acreditar somente no poder (HAN, 2015), mas um poder atrelado ao desempenho. Dessa forma o sujeito pós-moderno, o “sujeito do desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou explorá-lo” (HAN, 2015, p. 29), [...], acaba se tornando escravo de si mesmo, escravo da promessa de poder, escravo das positivities. O sucesso, como valor positivo, estaria atrelado à performance do sujeito pós-moderno, por isso ele se escraviza em nome do desempenho, logo, se ele falhar, a sensação de culpa recairá única e exclusivamente sobre ele. Fator que, segundo Han (2015) acaba causando o adoecimento do sujeito. “O que torna doente, na realidade, não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do desempenho como um novo *mandato* da sociedade pós-moderna do trabalho” (HAN, 2015, p. 27).

Embora as duas sociedades trabalhem com o controle disciplinar dos corpos, através da introjeção de seu controle pelos sistemas sociais, a sociedade disciplinar se apresenta pela interdição e punição das negatividades, enquanto a sociedade da performance, do desempenho, se apresenta pela valorização das positivities, segundo Han (2015).

Por isso, a partir da visão de que a sociedade está passando por uma transição da sociedade disciplinar, para uma sociedade performática (do desempenho), esse artigo pretende analisar, a partir dos conceitos de Marshall McLuhan (2003), a relação dessa

transformação, com a revolução dos meios de comunicação, a saber, da predominância dos meios de comunicação de massa, para o aumento do uso dos meios de comunicação digitais. Para essa análise parte-se da pressuposição que cada um dos meios descritos, imprimem através de seu uso, mudanças de comportamento e consciência no ser humano, e, conseqüentemente, na cultura de uma sociedade. Nesse sentido, observa-se que uma sociedade disciplinar, assim como descreveu Foucault (2014), trata-se, tipicamente de uma sociedade industrial, formada por um sujeito da modernidade, que Stuart Hall (2004) vai denominar como sujeito sociológico. Esse sujeito sociológico é influenciado por meios de comunicação que correspondem a seus anseios, no caso, meios de comunicação de massa. Enquanto que a sociedade performática, do desempenho, tipicamente ligada à Pós-modernidade, e ao sujeito pós-moderno (HALL, 2004), é influenciada pelos meios de comunicação digitais, cujo o uso, acaba por influenciar mudanças de comportamento, de consciência, e, conseqüentemente, transformações no modo como o ser humano contemporâneo atribui significados e valores aos sistemas culturais. Nesse estudo, entende-se cultura, de acordo com Clifford Geertz (2008), como sendo sistemas de representação, em que o humano atribui significados, de maneira estruturada e racional.

Essa transformação da sociedade moderna para a pós-moderna; da disciplinar para a performática; pode ser observada quando se compara a visão da vigilância de Foucault (1987) e George Orwell (2003), com a nova maneira de compreender o fenômeno, exposto por Jerome Dobson (2009).

Para a primeira, observa-se como metáfora da vigilância centralizada da sociedade disciplinar, e influenciada pelos meios de comunicação de massa, a soma do panoptismo de Foucault (2014), com a grande imagem do demiurgo do controle social, denominado por George Orwell, no livro 1984 (2003), como *Big Brother* (grande Irmão). Contudo, na sociedade pós-moderna, Dobson (2009) sugere uma outra imagem, diria mais aterradora, a figura do *Little Brother*. O *Little Brother* se constitui quando, através dos meios de comunicação digitais, principalmente através das redes sociais, o sujeito faz uso, ao invés da vigilância centralizada, uma vigilância fragmentada. Essa vigilância fragmentada é organizada a partir do momento quando cada indivíduo que compõe a sociedade, é capaz de exercer o poder da vigilância, levando-nos, assim, a uma necessidade constante da manutenção da performance e do desempenho, nesse caso, de vigiar.

Sendo assim, dando continuidade às pesquisas da relação entre Pós-modernidade, meios de comunicação, e sociedade, realizadas a partir dos estudos desenvolvidos no grupo de pesquisa, inscrito no Cnpq, LISEM (Linguagem, Identidade, Sociedade - Estudos

sobre Mídias) esse debate pretende, por fim, compreender a relação entre a transformação da sociedade disciplinar, na sociedade performática, a influência do uso dos meios de comunicação e os efeitos desse processo na sociedade. Essa análise está buscando entender essas mudanças, e os reflexos no sistema cultural de atribuição de significados, traçando um panorama que tem a intenção de entender como essas novas relações afetam o imaginário do sujeito da Pós-modernidade. Um dos teóricos que ajudaram nessa reflexão foi Graham Murdock (2018), que, a partir da Escola de Frankfurt, desenvolve uma reflexão sobre a condição política atual, e a relação com o uso dos meios de comunicação digitais. Toma-se como método dessa análise, a busca em revelar a constituição de *epistemes*, ou seja, os discursos que compõem o pensamento de uma determinada sociedade, e que são capazes de expressar o sistema de valores de uma época. Como descreve Foucault, em seu livro *As Palavras e as Coisas* (1990), a metodologia que apoiará essa argumentação é denominada como Arqueologia do Saber.

Meios de comunicação e Sociedade

Tomando, inicialmente, como base a visão de McLuhan (2003) sobre a relação entre os meios de comunicação e as transformações sociais, destacam-se dois conceitos que serão utilizados nesse artigo, para relacionar a revolução dos meios digitais, com a nova configuração de mundo que a Pós-modernidade representa. Os dois conceitos são:

- a) o conceito de extensão;
- b) o conceito de que o meio é informação pura, é mensagem.

Essa abordagem busca refletir sobre como o advento de novos meios de comunicação, promove mudanças na sociedade.

Para McLuhan (2003) os meios de comunicação não são apenas transmissores de informação, mas extensões dos seres humanos. Mas extensões do quê? Extensões da percepção humana. Ou seja, os meios de comunicação possibilitam que os seres humanos consigam ampliar sua percepção em relação à quantidade de fenômenos que ele pode ter contato, dessa forma os meios de comunicação são capazes de fazer com que o humano veja mais longe que o limite de seus olhos, escute mais sons do que o limite de seus ouvidos, ou seja, que tenha mais experiências sensoriais que o limite dos seus sentidos. Com essa multiplicação de experiências, que os meios de comunicação possibilitam, também ocorrerá uma multiplicação na quantidade, e na velocidade de informações que os indivíduos receberão. Tomando o conceito de informação, baseado na visão

de José Teixeira Coelho (2003), como sendo um conteúdo que altera comportamento e consciência dos seres humanos, pode-se concluir que, se houver um aumento na quantidade de informações, conseqüentemente, na quantidade de informações recebidas pelos seres humanos, maiores, e mais velozes, serão as mudanças no comportamento e na consciência de toda sociedade.

A partir dessa argumentação, entendendo que na Pós-modernidade, com o uso dos meios digitais, com o aumento na velocidade e na quantidade de informações emitidas e recebidas, a velocidade das mudanças também será acelerada. Essa aceleração na velocidade das mudanças na sociedade pós-moderna, devido ao uso dos meios de comunicação digitais, acaba por produzir uma sensação de incerteza quanto às narrativas fundamentais que compõem uma sociedade, denominadas de metanarrativas por Jean-François Lyotard, e Domenic Strinati (1999). Sendo assim, é nessa mudança constante dos valores sociais, e de seus discursos (metanarrativas) que se encontra uma das sementes que acabará por gerar a sensação de incerteza que se faz sentir na vida do sujeito pós-moderno, como indicam Stuart Hall (2004) e Zygmunt Bauman (2008).

Entendendo, segundo McLuhan (2003), que os meios são extensões do humano, compreende-se, também, que os meios, embora não sejam os únicos fatores, contribuem para mudanças diretas na sociedade. Dessa forma o uso dos meios de comunicação são capazes de produzir transformações na sociedade, desde a arquitetura das construções (vista na quantidade de tomadas que são necessárias hoje, devido ao aumento de aparelhos individuais), na legislação (pois com o advento dos meios de comunicação digitais, tornou-se necessária a revisão e criação de novas leis), até mesmo no comportamento do receptor, que pretende-se debater mais profundamente na sequência, mas que já demonstra ser muito mais ativo, como observa Henry Jenkins (2015).

Sendo assim, quando McLuhan (2003) afirma que o meio é a mensagem, ele quer dizer que os meios de comunicação não são, como dito anteriormente, apenas transmissores de informações, ou mediadores de mensagens, mas são informação, ou como diz o pesquisador canadense, informação pura. Os meios de comunicação são informações puras, pois, independente das mensagens que transportam, independente das informações que transmitem, eles produzem transformações. Pois, assim como as informações são conteúdos que produzem mudança de comportamento e consciência, os meios de comunicação produzem o mesmo efeito. Por isso, para McLuhan (2003), os meios de comunicação são informação pura.

A circulação de conteúdos – por meio de diferentes sistemas de mídia, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais – depende fortemente da participação ativa dos consumidores. Meu argumento aqui será contra a ideia de que a convergência deve ser compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos (JENKINS, 2015 p. 30).

Considerando a argumentação de McLuhan (2003) e Jenkins (2015), entendendo, também, os meios de comunicação como informações puras, o desenvolvimento tecnológico de novos meios de comunicação produzem mudanças na sociedade. Por isso, afirma-se nesse artigo, que se a sociedade está vivendo uma revolução dos meios de comunicação, ou seja, a passagem de uma grande hegemonia dos meios de comunicação de massa, para os meios digitais, esse fenômeno tecnológico, acabará por ampliar a velocidade das transformações. Conforme multiplica a possibilidade de contato com novas informações e experiências entre os sujeitos da Pós-modernidade, multiplicam-se, também, as transformações. Sendo assim, entende-se que os meios de comunicação, e a revolução dos meios digitais, através de seu uso pelos indivíduos, têm influência na constituição da sociedade e do sujeito pós-moderno.

Meios de comunicação de massa e meios de comunicação digitais

Quando George Orwell descreve em seu livro 1984 (2003) a figura do Big Brother (Grande Irmão), apresenta essa entidade como um demiurgo que controla a sociedade a partir de diversas estratégias, entre elas, por uma espécie de televisão que seria capaz de controlar os indivíduos por meio de seus discursos (como no capítulo dois minutos de ódio, em que imagens de pessoas são apresentadas de maneira estridente como inimigos do estado). Mas além de controlar pelos discursos, controlam também os comportamentos, como um olho que tudo vê, um panóptico eletrônico, a maneira descrita por Michell Foucault, em seu livro Vigiar e Punir (1987).

O panoptismo de Foucault (1987) é inspirado no projeto arquitetônico de 1785 de uma prisão perfeita, idealizada por Jeremy Bentham, em que o prisioneiro estaria,

constantemente, em um estado de vigilância. Esse dispositivo seria baseado em um prédio onde todas as selas seriam voltadas para o centro da prisão, e a partir de uma torre central, a guarda poderia estar, permanentemente, vigiando todas as ações do detento.

Essa visão centralizada do ato de vigiar, torna-se uma metáfora da vigilância da sociedade moderna, em que os sistemas sociais se tornam os disciplinadores, e críticos, em relação aos hábitos considerados negativos. Essa vigilância unificada, observada por Orwell (2003), se assemelha ao funcionamento dos meios de comunicação de massa. Meios desenvolvidos sob a marca da modernidade, da industrialização.

A semelhança desse processo de vigilância com os meios de comunicação de massa se dá, exatamente, pelo seu funcionamento. Em que o primeiro se dá pelo controle centralizado do olhar institucionalizado, enquanto o segundo pela centralização do controle da informação em poucos emissores.

Nos meios de comunicação de massa tradicionais, principalmente os elétricos, a recepção maciça dá uma aparência democrática a esses meios. Afirma-se aparentemente pois, partindo-se do princípio de que, com um investimento menor como a compra de um aparelho receptor (televisão, ou rádio), qualquer indivíduo estaria apto a receber as mesmas informações que os outros. Dessa forma, a recepção torna-se mais democrática, contudo é na emissão que o processo demonstra ter a sua limitação. Limitação que se caracteriza pelo fato de o acesso do indivíduo à transmissão de informações encontrar dificuldades. Esse fenômeno acontece porque, inicialmente, o valor do espaço de transmissão das emissoras acaba se tornando acessível, apenas para grandes instituições financeiras, ou políticas. Sendo assim, na modernidade, os meios de comunicação de massa têm grande influência na opinião dos receptores. Esse processo acaba transformando a sociedade moderna em uma sociedade de receptores.

Tomando-se a visão da Escola de Frankfurt, de Theodor Adorno e Max Horkheimer, em seu emblemático artigo *Indústria Cultural: Meios de Comunicação como Mistificação das Massas* (2000), pode-se compreender como ocorre esse fenômeno de uniformização de opiniões, de centralização do controle da informação em poucos emissores.

A primeira estratégia que foi descrita acima, se caracteriza pelo fato do acesso à emissão ser limitado por questões econômicas. Porém, como uma segunda estratégia, os espaços distribuídos a determinadas informações são limitados, também, ora por questões políticas, ora pela necessidade orgânica dos meios de comunicação de se sustentarem economicamente. Sendo assim, a decisão pela informação que será transmitida se dá, ou pelo financiamento de instituições políticas, ou pela audiência que essa informação é capaz de alcançar.

A partir do conceito central da Escola de Frankfurt, a Indústria Cultural (2000), ou melhor, o processo de industrialização da cultura e da informação, os meios de comunicação de massa, devido ao seu funcionamento, acabam se vendo obrigados a produzir para vender informações. Isso se dá, pois, a audiência acaba por atrair anunciantes, e, conseqüentemente, a financiar a emissão dos meios de comunicação de massa. Esse processo de industrialização produz o que a Escola de Frankfurt denomina como massificação, ou seja, a uniformização de conteúdos, a uniformização de informações.

Afinal, a decisão da distribuição dos espaços para a informação, acaba por ser vinculada à audiência, desse modo, os meios de comunicação de massa tendem, como num processo industrial e tautológico, a produzir e reproduzir maciçamente os mesmos conteúdos com pequenas alterações. Pela Indústria Cultural (2000), a cultura e a informação são vistas como produto, como uma mercadoria que precisa ser fabricada em larga escala, para atender uma demanda do gosto, um gosto médio. O gosto médio é constituído pelo gosto estatístico da população, onde o indivíduo cede lugar à massa, ou seja, as pesquisas servem para determinar, não o gosto individual, mas a média do gosto da massa, criando-se, assim, um modelo que se baseia no gosto médio da maioria. Um gosto que acaba por criar um modelo padronizado de cultura. Uma cultura de massa, uma cultura média. Essa cultura média, ou de massa, acaba por disciplinar os gostos, uniformizar os hábitos, e ideias dos indivíduos. Massificando comportamentos e favorecendo o controle dos corpos, desempenhando um papel importante no controle disciplinar da população.

Diferente dos meios de comunicação de massa, os novos meios digitais apresentam diversas diferenças em seu uso, produzindo mudanças latentes no comportamento do indivíduo e na sociedade. Uma primeira mudança perceptível nesse processo ocorre na distribuição de informação. Enquanto que, nos meios de comunicação de massa, a emissão é limitada a grandes grupos, por causa de questões econômicas e políticas, nos novos meios digitais, o indivíduo ganha um grande potencial de emissão. Esse aumento de potencial de emissão se dá, pois, com os novos meios digitais, o indivíduo, com um baixo custo, pode disponibilizar informações com um alcance global. Em poucos segundos, por exemplo, um indivíduo, utilizando seu smartphone, consegue captar um conteúdo e transmiti-lo para o acesso global pelas redes sociais. Logo, cada indivíduo, na revolução contemporânea dos meios de comunicação digitais, torna-se uma mídia poderosa.

Hoje, cada ser humano com seus aparelhos eletrônicos se torna um meio de comunicação. Esse fator influencia a relação da troca de conteúdos, e isso é perceptível, sensivelmente, nas redes sociais, onde os textos se tornam mais curtos, e os debates

acabam por se apresentar de maneira mais superficial e agressiva. Isso se dá, pois, a argumentação é substituída pela performance reativa.

Se a condição de ser ao mesmo tempo pausada e reflexiva delineava o estilo de ser na modernidade, não obstante as descontinuidades e as rupturas intempestivas que o marcavam e caracterizaram, a aceleração do sujeito é o que se destaca na contemporaneidade. O ser interiorizado no registro do pensamento se transforma no ser exteriorizado e performático que quer agir, antes de mais nada.

Assim, a *hiperatividade* se impõe. Age-se frequentemente sem que se pense naquilo a que se visa com a ação, de forma que os indivíduos nem sempre sabem dizer o que os leva a agir. O sujeito da ação tem a marca da *indeterminação*. No *cogito* da atualidade, o que se enuncia ostensivamente é: *agir, logo existir*. O agir é o imperativo *categórico* na contemporaneidade (BIRMAN, 2012, p. 81).

Parece que, com esse fenômeno, a emissão de informações dos indivíduos, outrora limitada nos meios de comunicação de massa, ganham um espaço nunca conquistado antes. Com esse espaço de emissão do sujeito da Pós-modernidade, conquistado através dos novos meios digitais, os indivíduos parecem ter se deslumbrado com esse poder, acarretando um novo comportamento: a impaciência quanto à recepção. O sujeito pós-moderno não quer mais, apenas, receber as informações, quer participar, como observa Jenkins em seu livro *Cultura da Convergência* (2015).

A expressão *cultura participativa* contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtores e consumidores de mídia como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. Nem todos os participantes são criados iguais. Corporações – e mesmo indivíduos dentro das corporações da mídia – ainda exercem maior poder do que qualquer consumidor individual, ou mesmo um conjunto de consumidores tem mais habilidades para participar dessa cultura emergente do que outros (JENKINS, 2015, p. 30-31).

Essa participação na construção da informação é louvável, quanto aos aspectos de constituição de um conteúdo coletivo, e da participação democrática de todos nos debates sobre a sociedade. Contudo, esse espaço para o debate é que está se tornando cada vez

menos eficiente, pois, com o imediatismo das informações, que os novos meios digitais possibilitam, a vontade deslumbrada em participar do debate se torna um imperativo. Dessa forma, o sujeito da Pós-modernidade, mesmo que não se tenha a informação aprofundada dos fatos, acaba por tornar a comunicação menos eficiente, abrindo caminho não para os debates, mas para os embates superficiais e violentos. A agressão acaba sendo a estratégia geral, para quem não tem dados para manter um debate. Se os meios de comunicação de massa criaram um receptor “passivo” (JENKINS, 2015), os novos meios de comunicação digitais estão criando emissores cada vez mais “ativos” (JENKINS, 2015), que ganham potencial de emissão, mas que perdem a habilidade de serem receptores eficientes.

Perdem a habilidade de serem bons receptores, pois perdem a vontade de escutar, de receber. Afinal, um receptor eficiente precisa receber e refletir, antes de responder. Se ele responde a partir de uma reação emocional, ele é mais consumidor reativo, do que um sujeito reflexivo. Com isso, o sujeito reflexivo acaba se tornando um consumidor, sujeito apenas reativo.

Inserido nesse processo, o sujeito da Pós-modernidade, utilizando os meios digitais, deseja apenas emitir, não receber informação, torna-se cada vez mais surdo, cada vez deixa menos espaços para o debate e para reflexão. Concordando com a afirmação de Lilian Aparecida Cruz Dugnani (2016), o sujeito contemporâneo está se tornando mais reativo do que ativo politicamente.

Essa indisposição do sujeito pós-moderno em escutar, ou seja, em se disponibilizar à recepção, também é observada por Han (2018), o qual afirma que “Estamos na Rede, mas não escutamos o outro, só fazemos barulho” (2018).

Esse ruído ensurdecedor, que se percebe intensamente nas redes sociais, que se constituiu através dos meios de comunicação digitais, se tornou um novo comportamento do sujeito da Pós-modernidade, ou seja, reagir antes de refletir. Esse comportamento é que está contribuindo para a disseminação maciça dos *fakenews*. Para reagir contra as argumentações contrárias às suas, o sujeito da Pós-modernidade se agarra a qualquer informação distribuída nas redes, sem verificar as fontes, e sem refletir sobre o conteúdo. Responde apenas por uma reação instintiva, não dando tempo às reflexões racionais. Por isso Hannah Arendt verifica que os indivíduos estão se tornando sujeitos mais instintivos, do que políticos, denominando-os como *animal laborans* (2007).

Mas estes são pontos secundários quando comparados à contradição fundamental que eiva, como um estigma, todo o pensamento de Marx, e que está presente tanto no terceiro volume de *O Capital* quanto nas obras do

jovem Marx. A atitude de Marx em relação ao trabalho, em relação ao próprio foco do seu pensamento, sempre foi equívoca. Embora o trabalho fosse uma “eterna necessidade imposta pela natureza” e a mais humana e produtiva das atividades do homem, a revolução, segundo Marx, não se destinava a emancipar as classes trabalhadoras, mas a emancipar o homem do trabalho; somente quando o trabalho é abolido pode o ‘reino da liberdade’ suplantar o “reino da necessidade”. Pois o “reino da liberdade começa somente onde termina o trabalho imposto pela necessidade e pela utilidade exterior”, onde termina o “império das necessidades físicas imediatas”. Contradições tão fundamentais e flagrantes quanto estas raramente ocorrem em escritores medíocres; no caso dos grandes autores, vão ao próprio cerne de sua obra. [...] O fato é que, em todos os estágios de sua obra, ele define o homem como *animal laborans* para levá-lo depois a uma sociedade na qual este poder, o maior e mais humano de todos, já não é necessário. Resta-nos a angustiada alternativa entre a escravidão produtiva e a liberdade improdutiva (ARENDR, 2007, p. 116 - 117).

Esse sujeito reativo da Pós-modernidade que está se constituindo através das relações virtuais dos meios de comunicação digitais, politicamente também sofre alterações, vistas por Graham Murdock, a partir de uma releitura de Jurgen Habermas e a Escola de Frankfurt, como um processo de refeudalização. Pois, segundo Murdoch (2018), as empresas da internet promovem um modelo de negócio em que o espaço da aparência e do espetáculo, é trocado pelo trabalho servil dos internautas, que, com satisfação, entregam seus dados, e fazem o trabalho de distribuição das informações, que, outrora, ficava à cargo das grandes mídias. Ou seja, para Murdoch (2018), retorna-se ao período semelhante ao feudal, em que as empresas da internet, como os imperadores, controlam o espaço, e os servos trabalham em função dessa relação.

A regressão resultante, de cidadãos a subordinados, é reforçada pelo modelo de negócios das empresas de internet, que concede aos usuários um direito condicional de ocupar e trabalhar em um espaço digital em troca da apropriação de todos os dados gerados por suas atividades. Essa informação é, então, utilizada para construir perfis personalizados que filtram e direcionam material, incluindo notícias e comentários, que os usuários veem na tela (MURDOCH, 2018, p. 15-16).

Por causa desse fenômeno, o sujeito da Pós-modernidade, utilizando os novos meios de comunicação digitais, também se torna um ser vigilante. Vigia o outro, para verificar, e agir de maneira reativa, caso alguém apresente uma ideia contrária à sua. O

sujeito da Pós-modernidade, através dos meios digitais, principalmente, no uso das redes sociais, abdica de pensar no outro, abdica de ouvir o outro, de receber informações do outro, apenas, em seu afã de emitir, torna-se vigilante e juiz do outro.

Essa vigilância agora exercida pelo sujeito dos meios de comunicação digitais é diferente da vigilância centralizada do estado, que era exercida através dos meios de comunicação de massa, de onde Orwell buscou inspiração para criar a figura do *Big Brother*, em seu livro 1984 (2003). A vigilância se dá, hoje, de indivíduo para indivíduo, e Dobson (2009) criou, a partir dessa observação, a figura do *Little Brother*.

A habilidade de uma pessoa vigiar outra não é hierárquica, e abre caminho para vários tipos de relações de poder em que maridos controlam esposas, patrões controlam empregados, etc. O que acontece é que isso é uma forma de vigilância muito mais propensa a ser aceita do que propostas anteriores, como o Big Brother. Ela é uma forma muito mais eficiente e apresenta uma ameaça não só à privacidade, mas à liberdade pessoal. É a maior ameaça já experimentada pelos humanos às liberdades individuais (DOBSON, 2009, *ON LINE*)

Logo, na Pós-modernidade, com tantos olhos que se multiplicam com os meios de comunicação digital, o sujeito vigia constantemente o outro, e acaba reagindo automaticamente a qualquer opinião contrária a dele. O direito à contradição parece estar desaparecendo nas redes sociais, sobrando apenas emissões reativas em resposta à opinião do outro, sem espaço para os debates, que não cabem nos textos resumidos e previsíveis dos meios de comunicação digitais.

Para Bauman (1998), o sujeito da Pós-modernidade, só pode se sentir sujeito, quando se transformar em consumidor e mercadoria. Nesse estágio ele se preenche de autoridade e poder, aparentemente legitimado pelo processo de globalização, difundido pelos meios de comunicação digitais. Dessa forma, além de vigilante, torna-se também juiz, capaz de julgar toda e qualquer informação.

O mercado pode já tê-los selecionado como consumidores e assim retirado a sua liberdade de ignorar as lisonjas; mas a cada visita a um ponto de compra os consumidores encontram todas as razões para se sentir como se estivessem — talvez até eles apenas — no comando. Eles são os juízes, os críticos e os que escolhem. Eles podem, afinal, recusar fidelidade a qualquer das infinitas opções em exposição. Exceto a opção de escolher entre uma delas, isto é, essa opção que não parece ser uma opção (BAUMAN, 1998, 29).

Não há espaço para contradição na visão do sujeito pós-moderno. Nos meios de comunicação digitais, não há espaço para recepção, apenas espaço para emissão, em que há opinião de cada um dos bilhões de internautas. Opiniões que se tornam cada vez mais absolutas. As relações nos meios de comunicação digitais, e, principalmente, em suas plataformas de redes sociais, não deixam espaço para o outro, sufocando os processos de alteridade. Esse descolamento do outro é paradoxal, pois é através da relação com esse outro, que o ser humano natural se constitui como humano social. Sem a alteridade o ser humano social se constitui de maneira frágil, sem empatia com o outro, fazendo com que ele se torne cada vez mais instintivo, concordando, novamente, com a descrição de Arendt (2007) do *animal laborans*.

Dessa forma o sujeito da Pós-modernidade se torna mais consumidor, perdendo a consciência e a noção da produção, pretendendo de maneira hedonista, apenas saciar seu prazer. Deixar de ser humano para se tornar mercadoria, consumidor ávido em saciar seu prazer individualista. Reforçado pelo movimento das relações sociais dos meios de comunicação digitais, enfraquecem a noção de alteridade, enfraquecendo assim as relações sociais, o que poderá dinamizar o processo de violência em relação ao outro, e suas opiniões. Nessa trajetória o humano se desumaniza, pois o outro se torna um adversário, e não mais um parceiro na construção coletiva da sociedade.

Byung-Chul Han, em seu livro *Sociedade do Cansaço* (2015), observa esse adoecimento do sujeito pós-moderno, pelo viés do cansaço. Um cansaço originário de diversas frentes, como a questão da urgência a que é submetido nas relações de trabalho, onde a multitarefa apenas é capaz de gerar essa fadiga.

Pior que esse cansaço, assim como observa Arendt (2007) sobre o *animal laborans*, Han (2015) percebe que a atenção do sujeito pós-moderno também é atingida. Com a atenção dividida em muitas tarefas, o sujeito da Pós-modernidade não tem espaço para reflexão contemplativa, cedendo espaço apenas para a reação instintiva, o que, para esse artigo, confirma a ideia de que os meios digitais, e seu potencial para realizar as multitarefas, contribuem para esse processo de desumanização, de enfraquecimento das alteridades, quando possibilita que o humano se torne um ser da emissão, ativo no processo de comunicação, mas reativo nas relações com o outro. O sujeito pós-moderno (da sociedade do desempenho) precisa, para além do dever da sociedade disciplinar, desempenhar seu papel a partir das positivities.

Mesmo porque, envolvido com essa positividade, que promete o sucesso, desde que haja o desempenho cada vez maior, através de uma performance mais eficiente, acaba

por aprisionar e escravizar o indivíduo, produzindo males como a depressão, a ansiedade, e um cansaço inexplicável. Esses males são crescentes, pois “o sujeito de desempenho se entrega à *liberdade coercitiva*, ou à *livre coerção* de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração” (HAN, 2015, p. 30).

Essa necessidade de melhorar constantemente seu desempenho, a sua performance, faz com que ele realize as multitarefas. Realizando as multitarefas ele apenas acaba desenvolvendo uma atenção superficial, segundo Han (2015), uma atenção do animal na natureza, em detrimento de uma atenção contemplativa e reflexiva.

A técnica temporal e atenção *multitasking* (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório. A Multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. [...] Na vida selvagem, o animal está obrigado a dividir sua atenção em diversas atividades. Por isso, não é capaz de aprofundamento contemplativo. [...] Não apenas a multitarefa, mas também atividades como jogos de computador geram uma atenção ampla, mas rasa, que se assemelha à atenção de um animal selvagem. [...] A preocupação pelo bem viver, à qual faz parte também uma convivência bem sucedida, cede lugar cada vez mais à preocupação por sobreviver. [...] A cultura pressupõe um ambiente onde seja possível uma atenção profunda e cada vez mais deslocada por uma forma de atenção bem distinta, a hiperatenção (*hyperattention*). (HAN, 2015, p. 31 a 33).

Para Han (2015, p. 31) o “excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção”. Essa modificação de atenção, dada pelo excesso de informações, causa um esgotamento no sujeito pós-moderno, e esse fenômeno está alicerçado nas transformações causadas pela extensão dos sentidos que os meios de comunicação digitais proporcionam. Nesse caso a valorização da emissão acaba causando esse processo de excesso de informações, o que torna a comunicação cada vez mais unilateral, de sujeito para sujeito. Esse fenômeno acaba por centralizar a comunicação na emissão e desvalorizar a recepção. Nesse processo a comunicação fica centrada no eu, na emissão, e o outro, parte fundamental para a eficiência de um sistema de comunicação, acaba por ser colocado em segundo plano. Nesse sentido, para Han (2015, p. 10), a consequência desse processo é “o desaparecimento da *alteridade*. Entendendo-se a alteridade como a relação com o outro para a constituição de uma sociedade, ferir esse princípio, acaba

por enfraquecer as relações sociais. Com o enfraquecimento da recepção, com a falta do diálogo com o outro, a sociedade humana corre um grande risco de se tornar um grupo de indivíduos, que apenas emite, e deixa de observar o valor da recepção, produzindo uma ineficiência na comunicação.

Sem a presença do outro, a comunicação degenera em um intercâmbio de informação: as relações são substituídas pelas conexões, e assim só se conecta com o igual; a comunicação digital é somente visual, perdemos todos os sentidos; vivemos uma fase em que a comunicação está debilitada como nunca: a comunicação global e dos *likes* só tolera os mais iguais; o igual não dói! (HAN, 2018, *ON LINE*).

De acordo com Han (2018) pode-se intuir que a comunicação se torna debilitada, e, para esse artigo, essa debilidade nos sistemas de comunicação está sendo produzida por essa relação do sujeito, com os meios de comunicação digitais. Nesse processo a recepção fica limitada ao contato com os iguais, enfraquecendo a relação com o outro, e, principalmente, criando um discurso cada vez mais uniforme e absoluto. Com isso, os discursos contraditórios são vistos como inimigos, e a emissão ganha espaço, em detrimento à recepção. O espaço debilitado, sem a alteridade, sem a presença do outro para revelar as contradições, torna o discurso cada vez mais alienado a razões absolutas, que não permitem espaço para o debate, apenas para o embate. Essa é a questão que este artigo analisa, e pretende destacar que é necessária uma revisão do uso dos meios de comunicação digitais, para que seja possível resgatar o outro, resgatar a recepção e o diálogo entre os indivíduos da sociedade pós-moderna, antes que seja tarde para reverter o processo.

Considerações Finais

Dando continuidade às pesquisas filiadas ao grupo de pesquisa, inscrito no Cnpq, LISEM (Linguagem, Identidade, Sociedade - Estudos sobre Mídias), este texto procurou refletir sobre a relação entre meios de comunicação, sociedade e sujeito. Mediante aos debates, percebeu-se que o sujeito da Pós-modernidade, tendo, segundo McLuhan (2003), os meios de comunicação digitais como extensão, acaba sendo influenciado, tanto pela quantidade de informações, como pelo próprio uso dos meios, promovendo-se, assim,

uma mudança profunda no comportamento desse sujeito. Na Pós-modernidade o sujeito, comparando-se com o sujeito dos meios de comunicação de massa, se torna mais ativo (JENKINS, 2015), porém, devido ao deslumbramento com o alto potencial de emissão, e com a velocidade e superficialidade dos textos curtos da internet, acaba se desprendendo do outro, fazendo com que a recepção perca o sentido. Esse movimento de desaparecimento do outro, ou seja, das relações de alteridade, constatado por Han (2015), tem provocado uma singularização da positividade do sujeito, promovendo um cansaço, principalmente, quando esse mesmo sujeito se torna incapaz de observar as relações de maneira dialética.

O sujeito da Pós-modernidade sente esse cansaço dos discursos sem contradição, dos discursos sem negatividades, dos discursos que se tornam emissões sem a projeção do receptor, ou seja, discursos unilaterais. Esses discursos unilaterais dos emissores dos meios digitais tornam-se intolerantes e violentos, pois o outro, o receptor, se torna irrelevante nas relações sociais. Com os meios de comunicação digitais, e o potencial de emissão que eles disponibilizam, esse sujeito imprime um maior valor na emissão, e despreza a recepção. Por isso a violência e a intransigência se tornam as tônicas dos debates na internet. Não importa a recepção, apenas a emissão torna o sujeito mais visível, e, com isso, ele transforma essa visibilidade em prazer. Na Pós-modernidade o sujeito tira seu prazer da visibilidade. Além disso, tornando-se visível, o sujeito pós-moderno se torna, também, uma mercadoria mais interessante para ser consumida, e sente-se um consumidor, apto a julgar toda e qualquer ação do outro, em uma vigilância constante que se instaura entre os usuários dos meios de comunicação digitais.

Com essa visão individualista, com o potencial dos meios de comunicação em destacar a emissão desvalorizando a recepção, com o crescimento dos discursos vigilantes e violentos em detrimento do diálogo, e com o cansaço da incerteza da Pós-modernidade, pode-se prever que esses fenômenos reunidos trarão mudanças no comportamento dos seres humanos, e que essas mudanças resgatarão, e já está resgatando, discursos de tons mais intransigentes, além de discursos que pareciam estar mortos, mas que apenas estavam hibernando na consciência coletiva da sociedade. Por isso, torna-se necessário fazer uma reavaliação do uso dos meios de comunicação, principalmente os digitais, bem como, resgatar o outro, ou seja, a alteridade, para a constituição das relações humanas. Essa ação se torna premente para que essa desvalorização da contradição, e a desvalorização da alteridade, não acabem por ampliar o individualismo, até chegar ao ponto em que a sociedade não se sustente mais como um sistema de interesses comuns, deixando espaço apenas para a violência, pela degradação.

Referências

ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. Indústria Cultural: O Iluminismo como mistificação das Massas. In: LIMA, L. C. **Teorias da Cultura de Massa**. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

BAUMAN, L. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1998.

BAUMAN, Z. **Globalização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BIRMAN, J. **O Sujeito na Contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

COELHO, J. T. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

DOBSON, J. **Big Brother no Varejo**. [24 de maio de 2009]. São Paulo: **Folha de São Paulo**. Entrevista concedida a Rafael Garcia. Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2405200904.htm>>. Acesso em: 05 de junho de 2014.

DUGNANI, L. A. Cruz; SOUZA, V. L. T. de. **Psicologia e Gestores Escolares: mediações estéticas e semióticas promovendo ações coletivas**. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas, v. 33, n. 2, p. 247-259, June 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103166X2016000200247&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 29 Maio 2018.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2014.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HAN, B. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HAN, B. **Hoje o indivíduo se explora e acredita que isso é realização**. Disponível em: <https://www.revistaprosaveroearte.com/hoje-o-individuo-se-explora-e-acredita-que-isso-e-realizacao-diz-o-filosofo-sul-coreano-byung-chul-han/>. Acessado em 17/08/2018
GEERTZ, C. **Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

JENKINS, H. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2015.

LYOTARD, J. **A Condição Pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

MCLUHAN, M. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Cultrix: São Paulo, 2003.

MURDOCK, G. **Refeudalização revisitada: a destruição da democracia deliberativa**. Matrizes, São Paulo, V. 12 – Nº 2 maio/ago. 2018, p. 13 - 31. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/issue/view/10795>. Acesso em: 14/09/2018.

ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Companhia Das Letras, 2003.

STRINATI, D. **Cultura Popular**. São Paulo: Hedra, 1999.

¹ Doutor em Comunicação e Semiótica PUC/SP, Mestre em Comunicação e Semiótica PUC/SP e Bacharel em Artes Plásticas pela Unesp. Professor nas áreas de Comunicação e Artes da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor de Artes do Colégio Giordano Bruno. Integrante do grupo de estudos (Cnpq) LISEM (Linguagem, Identidade, Sociedade - Estudos sobre Mídias). Autor e Ilustrador com os seguintes livros publicados: *A Herança Simbólica na Azulejaria Barroca* (2012). *O Livro dos Labirintos* (2004). *Ovelhas e Lobos* (2002), *Beleléu* (2003/ PNL D 2004), *O Seu Lugar* (2005/ PNL D 2006), *Um Mundo Melhor* (2006), *Beleléu e os Números* (2009), *Beleléu e as Cores* (2010), *Beleléu e as Formas* (2011), *Beleléu e as palavras* (2014). E-mail: patricio@mackenzie.br.